REVISTA DA ALLA

REVISTA DA ALLA
Número: 1 | 2023

MEMÓRIA & PATRIMÔNIO

LEOPOLDINA—Parque Felix Martins
Grupo de Palmeiras Imperiaes

ACADEMIA LEOPOLDINENSE DE LETRAS E ARTES

REVISTA DA ALLA

Memória & Patrimônio

Leopoldina/MG | número 1 | segundo semestre de 2023

Revista da ALLA
Academia Leopoldinense de Letras e Artes
Rua Presidente Carlos Luz, 762
CEP 36700-052 Leopoldina – MG
E-mail: academialeopoldinense@gmail.com
Site: www.academialeopoldinense.com.br

DIRETORIA da ALLA:

Luiz de Melo Sobrinho
Presidente
Begma Tavares Barbosa
Vice-Presidente
Fabrício Manca de Souza
Primeiro Secretário
Glaucia Maria N. Costa de Oliveira
Segunda Secretária
José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa
Primeiro Tesoureiro
Ana Cristina Miranda Fajardo
Segunda Tesoureira

CONSELHO EDITORIAL:

Begma Tavares Barbosa
Claudio Verneque Guerson
Elizabeth Aparecida de Castro M. Fontes
José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa
Luiz de Melo Sobrinho
Maria José Salles Fernandes
Natania Aparecida da Silva Nogueira
Nilza Maria Almeida Santos
Rodrigo Iennaco de Moraes

Organizadoras da Edição 001:
Glaucia Maria N. Costa de Oliveira
Nilza Maria Almeida Santos (Nilza Cantoni)

Diagramação e Capa:
Giovanni NR
@gnr.marketing

Catalogação na Publicação elaborada por:
Fabiana Pés do Nascimento (CRB 6. 2230)

Revista da ALLA [Recurso Eletrônico]./ Academia Leopoldinense de Letras e Artes
- v.1; n. 1 (2023) - Leopoldina, MG: ALLA, 2023 -
1 Recurso Online: il.

Periodicidade: Anual
Disponível em: http://www.academialeopoldinense.com.br/
Título abreviado: Rev. ALLA
Título, resumos e textos em português.
Preservada digitalmente em: https://archive.org/details/@alla_leopoldina

1. Cultura. 2. Arte. 3. História - Leopoldina - Periódicos. 3. Patrimônio cultural - Leopoldina - periódicos. I. Academia Leopoldinense de Letras e Artes

CDU 304.3(815.1)

A história por trás da História...

O projeto desta revista surgiu a partir de uma conversa despretensiosa com uma professora muito querida. Já aposentada e sempre preocupada com a educação e, também, com a preservação da memória coletiva, disse que tinha guardado muito material sobre Leopoldina e que gostaria de torná-lo público para consulta. Propôs que a ALLA realizasse esse trabalho. Explicou que, durante seus anos de magistério, sempre procurou instigar seus alunos a pesquisarem a história da cidade e que sempre guardou o material por eles coletado.

Como a curiosidade sempre nos moveu, aceitamos o desafio. Aí a prosa tomou outro rumo, pois o material era muito rico, mas precisaria de uma grande pesquisa bibliográfica para ser (re)publicado. Nosso tempo era escasso. Mesmo assim, separamos por assunto e muita informação interessante foi aparecendo. Um documento em especial nos chamou a atenção: "Passeio histórico-turístico por Leopoldina", de Luiz Raphael Domingues Rosa.

Esse documento era desconhecido para toda a equipe e não descobrimos se havia sido publicado em algum local. A primeira frase diz "Leopoldina tem seus pontos interessantes e, se nos dispusermos a percorrer o seu roteiro, teremos surpresas agradáveis".

No texto, Raphael estabelece um percurso pela cidade e vai percorrendo a história de Leopoldina através de suas ruas e casarões. Revela particularidades que testemunhou ou que já faziam parte da memória coletiva, num texto extremamente rico.

Além da grandeza de informações sobre cada recanto, nosso cicerone faz realmente um passeio descrevendo detalhes só possíveis pela visão da pessoa sensível que foi. Quem o conheceu, sabe da importância que Raphael teve para o município ao semear a ideia da "preservação" em todas as áreas. Graças a ele, hoje temos nosso bem maior que é o Museu Espaço dos Anjos, onde exerceu magnificamente seu ofício de Mordomo de Augusto, não deixando que a cidade se esquecesse do poeta que ali residiu.

A partir desse texto, resolvemos revisitar Leopoldina nos dias de hoje, reproduzindo o roteiro feito por Luiz Raphael sob os olhos de outras pessoas e de muitas imagens, algumas conhecidas e outras nem tanto. Com um pé no passado, mas também pensando no presente, reunimos um pouco da história de nossa querida cidade.

Após inúmeras reuniões, roteiros feitos e desfeitos, chegamos a um novo caminho e a uma nova fase: quem poderia escrever sobre cada um dos itens propostos? Agradecemos a todos os que acreditaram em nosso trabalho e nos presentearam com os textos que aqui estão publicados.

Há muito trabalho a fazer, pois o material que recebemos precisa ser mais explorado e, como o desafio nos estimula, outros desdobramentos ainda estão por vir. Como a ALLA tem por objetivo apoiar e desenvolver o culto das letras e das artes, as futuras edições poderão tratar de outras manifestações culturais em nossa cidade. Só aguardar!

Por enquanto, apresentamos uma visão leve e descontraída e muitas imagens de Leopoldina (sim, alguns caminhos foram feitos apenas com imagens).

Grande abraço e bom passeio!

Divirtam-se!

Glaucia Costa de Oliveira

Nilza Cantoni

A Rua Direita vista do Largo do Rosário | Acervo Alla

O Centro antigo: Largo Visconde do Rio Branco

JOSÉ GABRIEL COUTO DE VIVEIROS BARBOSA

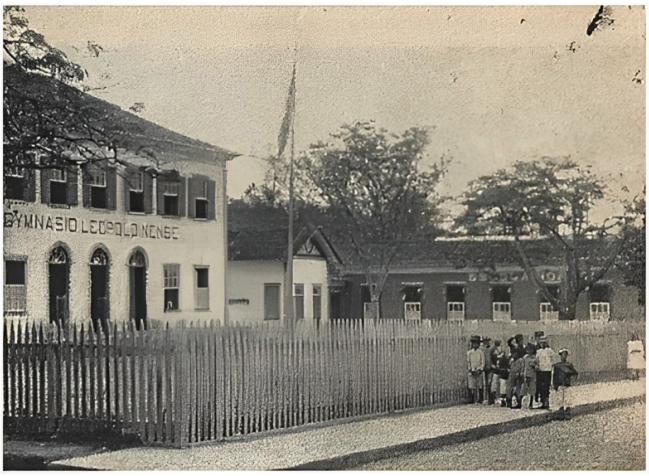
A Rua Direita desemboca no Largo do Passeio, depois Praça Visconde do Rio Branco (1880), hoje Praça Professor Botelho Reis (1928), ou, como todo mundo conhece, a "Pracinha do Ginásio", uma das mais movimentadas da cidade, apesar de seu discreto perímetro. O nome atual já indica o motivo: muitos estudantes circulam diariamente por ali, no Conservatório, no Colégio Equipe, no Ginásio (Escola Estadual Professor Botelho Reis), no Lactário, na APAE... às 17h, o trânsito chega a ser caótico!

Nem sempre foi assim. Há 200 anos, no meio da densa floresta Atlântica, às margens do Ribeirão do Feijão Cru, poucos Puris exibiam seus belos corpos nus, esporadicamente, no seu nomadismo, e tropeiros, ainda menos frequentes, seguiam sua sina comercial ou exploratória até Campos dos Goytacazes ou Cantagalo, num caminho recentemente aberto.

Foi somente em 1829 que aquele local começou a mudar, com a chegada de Manoel Antônio de Almeida, junto a uma horda de mineiros lá dos lados da Serra de Ibitipoca, e viu surgir o esboço do futuro Ginásio: a Fazenda do Feijão Cru pequeno, que depois virou farmácia e, só no séc. XX, Escola de Farmácia do Ginásio Leopoldinense.

Pintura de Luciano Meneghite sobre fotografia da imprensa periódica

A despeito do poderio da fé ter despontado no Largo do Rosário e no Morro da Matriz, parece que a cidade começou mesmo foi ali, na Pracinha. Ou, pelo menos, era ali o centro do poder econômico e político, como se deduz pela localização de importantes instituições da época: Casa da Câmara e Cadeia Pública, Farmácia Central, Hotel Antunes, Promotor, Solicitador...



A mais antiga imagem conhecida do Ginásio, em funcionamento na sede da antiga fazenda Feijão Cru, depois Farmácia Central. | Acervo Gazeta de Leopoldina, 1914

Vale citar nosso saudoso vizinho e amigo Luiz Raphael Domingues Rosa, em seu "I Calendário Histórico da Cidade de Leopoldina – Minas" de 1997-98: "Em 1855 era aí o centro

Neste local, no térreo do prédio original funcionou a Cadeia Pública e, no andar superior, a Câmara Municipal | Foto de Cesar Roli, (19??) | Acervo Espaço dos Anjos

Clube Leopoldina, na Praça Professor Botelho Reis. Década 1950 | Acervo ALLA

da cidade onde existia o Fórum e a Cadeia (leia-se Clube Leopoldina), o Hotel Recreio (leia-se A.P.A.E) com a sorveteria fechando o largo. O dono, o italiano Nicola Savino, parodiava Dante pintando na parede: - *"Oh vós que entrais 'sem dinheiro', deixais fora as vossas esperanças"*! O gelo vinha de trem, o sorvete era servido sob uma parreira e para lá convergia-se a sociedade louçã da época."

Faltou só lembrar que o filho desse sorveteiro, Domingos Sabino, se casou com a leopoldinense Odete Tavares de Lacerda, em 1913, vindo a ser pai do renomado escritor Fernando Sabino, que assim escreveu em seu livro *"O grande mentecapto"* (1979):

> *Meu avô Nicolau, italiano de nascença, era dono do Salão Recreio, um bar com pitoresco caramanchão na antiga rua 1 ° de Março, local também conhecido como praça do Ginásio, com uma tabuleta à entrada em que, para não vender fiado, ele se valia da célebre advertência de Dante: "Lasciate ogni speranza voi ch'entrate.*
>
> *Importava barris de Chianti da Itália e foi o introdutor do sorvete em Minas Gerais, no ano de 1892, para o que fazia vir do Rio, pela Estrada de Ferro Leopoldina, blocos de gelo encaixotados e protegidos por serragem (a metade se derretia pelo caminho). E meu pai, seu Domingos, (antes de casar-se com a suave dona Odette), inspirado mais pelo vinho que pelo sorvete, juntou-se a um farmacêutico de nome João Teixeira e abriu uma fábrica de Soda e de Água de Selters - precursora, portanto, da alka-seltzer. Dos dois feitos muito me orgulho.*

Resumindo, o último refúgio dos Puris cedeu lugar ao Arraial do Feijão Cru e virou a poderosa Leopoldina cafeeira, proporcionando-lhe o título de Athenas da Zona da Mata, título que tem tudo a ver com esse pequeno retângulo a que carinhosamente chamamos de Pracinha do Ginásio. E este, com sua imponência, a partir de 1906, roubou a cena e o nome da praça, trouxe ilustres discentes (Miguel Torga, Humberto Mauro, Milton Campos etc.) e docentes (Botelho Reis, Júlio Ferreira Caboclo, Carlos Coimbra da Luz etc.) e se tornou o único bem leopoldinense reconhecido e tombado pelo patrimônio estadual. O sorvete, contudo, já é outro, está em outra praça, mas continua a história e também leva longe o nome da cidade.

Salve a educação, com a história que ela nos ajuda a construir, e o sorvete prá refrescar do calor que faz nesta terra!

Largo Visconde do Rio Branco. Nicola Savino residiu na casa de esquina, à direita (190?) | Acervo ALLA

Escola Estadual Professor Botelho Reis

CLÁUDIO RÉCHE IENNACO

Sobre o tempo há conceitos que, de tantos, quase todos temos que deixar de lado. E é assim porque agora o que nos serve é somente aquele que precisa ocupar dois espaços definidos.

O tempo da história é só o ponto de fuga ao avesso que, vindo de onde o olho já não alcança, amplia sua imagem até que se projete no fundo do coração, tal qual sentimento que, de tão resolutamente infiltrado no inconsciente, perfura os espaços das histórias e fixa seu novo ponto agora.

Temos muito disso por aqui, em Leopoldina. Memórias, passado, histórias, lembranças que se mitificam porque são, não somente, mas são justamente isso, também.

Naquela Leopoldina da primeira metade do século XX, toda imagem de agora é preta e branca. Toda memória é palavra escrita. Poucos se contam aqueles que ainda possam ter na lembrança a vida de então. Mas, há meios de provocar essas impressões em quem não pôde vivê-las. E é isso que tentamos sempre.

E de todo símbolo representativo das memórias do lugar, nós buscamos, mais que vez ou outra, a figura monumental do Ginásio Leopoldinense que, de tão agregada se tornou à nossa paisagem, parece que existe além da própria cidade. E como fazer sentir o barulho das tábuas de seu piso aos que nunca lá caminharam? De que maneira experimentariam as angústias das provas, a convivência turbulenta das turmas, os atritos carinhosos com os professores ou a nostalgia angustiante das férias que nunca chegam e, de certa forma, também pareciam não acabar?

Isso é privilégio de quem lá conviveu. Dramas e agruras que, a cada época, mudam de formato, mas se sentem da mesma maneira. E foi assim sempre, eu presumo. Presumo, também, que tudo isso sentiu o Professor Alziro de Azevedo Carvalho, Patrono da Cadeira 33 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes, quando, ultrapassando as arcadas monumentais, foi absorvido pelo novo e admirável universo que habita e completa a vida leopoldinense.

Em 1931 ele, o Professor Alziro, se incorpora àquela estrutura que, mais que um prédio, é fração indissolúvel da alma histórica da cidade, já naquela época. Ele é mais um dos milhares que pisou suas tábuas e sentiu a solidez de suas paredes. Talvez também ansiasse pelo sinal da saída, ou contasse os dias para as férias. Mas, como mais um de todos os que deixamos uma parte de nossa vida lá dentro, fez questão de alimentar sua essência, compondo a memória afetiva da cidade.

Ginásio Leopoldinense. Década de 1950. | Acervo Gazeta de Leopoldina

E isso é certo, já que seu nome não mais pode ser separado da obra, do prédio, do propósito e do símbolo. Física e espiritualmente. De aluno a diretor e, depois disso tudo, como parte da matéria de que são feitas as memórias.

Se a busca ao passado muito se justifica pela necessidade de que o indivíduo se sinta pertencente, assim retrocedemos não só imageticamente, mas de forma a impulsionar toda carga emocional necessária a um ponto em que a ideia supera a própria existência física.

Projetamos conceitos ideais àqueles que, sendo também pessoas, como o Professor Alziro, de certa forma expressam um determinado ponto de ruptura entre o comum e o extraordinário. Mesmo que o extraordinário seja, também, assim definido por força dessa inafastável necessidade de pertencimento.

Ao Ginásio nós pertencemos, assim como ele à Leopoldina pertence. "(...) e tão majestoso é ele que muita gente pensa que Leopoldina é apenas o Ginásio", disse Barroso Júnior em uma outra época.

Escola Estadual Professor Botelho Reis – 2013 | Acervo ALLA

A construção da Catedral de São Sebastião em Leopoldina – MG[1]

JUSSARA FERNANDES REIS FILGUEIRA

Desde que alguns cristãos se reúnem em qualquer terra desconhecida, uma das primeiras ideias que lhes vem ao pensamento, é a de construírem uma igreja onde rendam graças a Deus e um cemitério onde possam dar uma plácida morada aos ossos dos seus.[2]

Praça Dom Helvécio e Catedral de São Sebastião, 2013 | Autor desconhecido

Considerada um patrimônio da cidade de Leopoldina – MG, a Catedral de São Sebastião, além de sua imponência estética, tem uma rica história. Não caberá aqui uma descrição minuciosa, mas sim apresentar alguns fatos marcantes que culminaram com essa edificação final.

São Sebastião foi escolhido como padroeiro por ser protetor contra a fome, a guerra e a peste, uma vez que a epidemia de cólera, além de outras doenças como tifo, rondava a região, sendo feitos registros de casos até o ano de 1856, segundo Fonseca (2014)[3].

Da capelinha rústica inicial, passou-se a uma igreja, sendo construída no alto de um morro. A igreja ainda era simples, mas fizeram-na maior, com duas torres, coberta de telhas e com assoalho de madeira. Com a nova construção, foram surgindo também as primeiras casas, cobertas com telhas, elevando as condições de moradia da população.

O município de Leopoldina foi criado pela lei nº 666 de 27 de abril de 1854 e em 1856 foi criada a paróquia de São Sebastião. Em 16 de julho de 1897, Leopoldina deixou de pertencer à Diocese do Rio de Janeiro e passou a pertencer à Diocese de Mariana.

O arcebispo de Mariana, Dom Helvécio Gomes de Oliveira (1922-1960) foi quem teve a ideia de construir uma nova igreja. A velha matriz foi então demolida em 1927. Dom Helvécio visitou a cidade no dia 9 de julho de 1928, reunindo-se com a comissão encarregada pelo andamento das obras de construção e em 12 de julho de 1928, houve a bênção da pedra fundamental da nova matriz, que ficaria na mesma esplanada

Matriz de São Sebastião, 1914 | Acervo ALLA [4]

---

[1] Para saber os pormenores da construção, sugiro a leitura da dissertação de minha autoria, disponível em: https://ppghistoria.universo.edu.br/wp-content/uploads/2023/05/Dissertacao-Jussara-Fernandes-Reis-Filgueira-12-05-23.pdf

[2] REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. Minhas recordações. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p.370

[3] FONSECA, Ana Carolina Rezende. "O flagelo que nos ameaça": o cólera na província mineira, epidemia e mobilização social (1855-56). 133f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

[4] Disponível em: https://cantoni.pro.br/2014/08/13/catedral-de-sao-sebastiao/ . Acesso em 29 de setembro de 2023.

da matriz antiga, mas à esquerda desta, em frente à Rua Lucas Augusto podendo ser vista do Ginásio Leopoldinense.

O responsável pelo encaminhamento das obras foi o padre Aristides de Araújo Porto. O projeto foi do arquiteto Luiz Dantas Castilho da Escola Nacional de Belas Artes. Dr. Ormeo Junqueira Botelho confeccionou a planta, dirigiu a obra como engenheiro responsável, além de ser um grande benfeitor da construção. O construtor e mestre de obras foi o português Sr. Antônio Porto.

Houve demora na construção não só pela complexidade da obra, como também pela falta de recursos materiais. Havia uma conta especial para angariar fundos, denominada "Obras da Matriz", aberta no Banco Ribeiro Junqueira, na cidade de Leopoldina. Muitos foram os doadores e colaboradores com a obra de construção, através de doações, leilões e festas.

Prova dessa demora e de falta de recursos, pode ser observada na notícia no Jornal Gazeta de Leopoldina:

> *Egreja Matriz – Estamos informados de que a subscripção aberta em favor da reconstrução do nosso bello templo catholico não atinge ainda o quantum necessario para execução de todas as obras. Ao que sabemos, a importância dos donativos feitos até hoje para reconstrucção do nosso bello templo atinge apenas a importância de 60:500$000. As obras necessárias, imprescindíveis na Egreja Matriz, foram orçadas em quantia bastante mais elevada do que acima referida. Assim, tornou-se necessário que os catholicos leopoldinenses e amantes do progresso deem o melhor dos seus esforços em benefício do nobre fim, para que Leopoldina possa se ufanar de possuir um dos mais belos templos da zona, deixando bem em evidência o espírito acentuadamente religioso que caracteriza a população do município.*[5]

Foram promovidas muitas festas, leilões e até sessões de cinema para angariar fundos para a obra.

Pela grandiosidade do projeto que se desenhava e se tornava realidade, Dom Helvécio, em 7 de janeiro de 1940, fez uma reunião na Matriz de São Sebastião no intuito de propor a criação do bispado em Leopoldina. Os presentes à referida reunião ficaram satisfeitos e entusiasmados com a ideia e dentro do proposto pelo arcebispo, teriam o prazo de 3 meses, prorrogável até 30 de junho daquele ano, para compor o patrimônio, cujo valor havia sido definido naquela reunião. Feito isso, o arcebispo foi ao Rio de Janeiro entregar o requerimento de criação da diocese ao Exmo. Sr. Legado da Santa Sé.

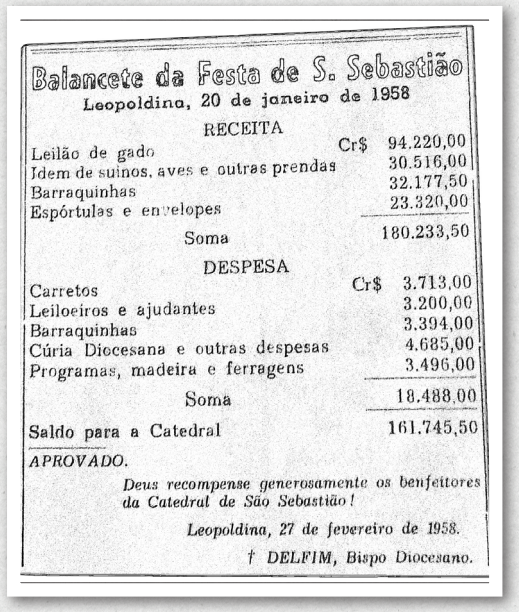
A data de criação da Diocese pode ser encontrada em períodos diferentes, mas segundo as fontes pesquisadas, os acontecimentos foram os seguintes: em 28 de março de 1942 foi dividido o território pertencente à Arquidiocese de Mariana, em 25 de abril de 1942 foi declarada ereta e constituída a Diocese e em 05 de agosto de 1942, deu-se a sua instalação solene. A Diocese de Leopoldina foi resultado do desmembramento das Arquidioceses de Mariana e de Juiz de Fora. Em 26 de junho de 1943, foi escolhido pelo Papa Pio XII para primeiro bispo da Diocese de Leopoldina, Dom Delfim Ribeiro Guedes. Ele foi sagrado bispo em 03/10/1943 em Pouso Alegre por Dom Otávio Chagas de Miranda – bispo de Pouso Alegre-MG e teve, como bispos consagrantes, Dom Lafayette

Catedral em Construção. 1935 | Foto Cesar Roli, acervo Foto Jarbas

Libânio – bispo de São José do Rio Preto-SP e Dom Hugo Bressane de Araújo – bispo de Guaxupé-MG.

Já com o status de Catedral, muitas ações foram realizadas para a conclusão das obras. Muitas delas foram relatadas no Jornal Diocesano "O Leopoldinense" (1946-60). As festas de São Sebastião, com seus leilões e barraquinhas eram sempre descritas pelo jornal, que trazia o balancete de toda a arrecadação, como no recorte abaixo:

O jornal foi uma ferramenta importante na divulgação das



Balancete da Festa de S. Sebastião

Leopoldina, 20 de janeiro de 1958

RECEITA

Leilão de gado	Cr$	94.220,00
Idem de suinos, aves e outras prendas		30.516,00
Barraquinhas		32.177,50
Espórtulas e envelopes		23.320,00
Soma		180.233,50

DESPESA

Carretos	Cr$	3.713,00
Leiloeiros e ajudantes		3.200,00
Barraquinhas		3.394,00
Cúria Diocesana e outras despesas		4.685,00
Programas, madeira e ferragens		3.496,00
Soma		18.488,00
Saldo para a Catedral		161.745,50

APROVADO.

Deus recompense generosamente os benfeitores da Catedral de São Sebastião!

Leopoldina, 27 de fevereiro de 1958.

† DELFIM, Bispo Diocesano.

Balanço da Festa de São Sebastião de 1958[6]

obras e feitos da Diocese, além de promover campanhas de ajuda para as obras. Um exemplo disso está, a seguir, no trecho extraído da Edição de 01/02/1956 – nº 206 - p. 1 – Sobre a Festa de São Sebastião do ano de 1956:

> *A Festa deixará um saldo de aproximadamente Cr$100.000,00, que será, junto com as importâncias existentes, empregado nas obras finais da Catedral, especialmente no levantamento da majestosa torre, cuja planta se acha exposta em vitrine da Casa Henriques Felippe*

Além disso, o jornal "O Leopoldinense" trazia também,

[5] Gazeta de Leopoldina, Leopoldina, 5 de fevereiro de 1928. Mantida a grafia original.

[6] Jornal O Leopoldinense (segundo do nome) – Ano XII – nº 254 – 01 mar 1958 – p.2.Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

com certa frequência, os nomes dos benfeitores e valores doados, no sentido de que isso fosse imitado pelo restante da população, além de divulgar doações das famílias em intenção de seus entes falecidos, citando seus nomes a fim de que o gesto também fosse copiado por demais fiéis. Com intuito de angariar mais doações, foi feito um Livro de Ouro com o objetivo de terminar a torre e outras obras da Catedral.

Tudo isso nos mostra o sacrifício e o desprendimento da população em ajudar na construção desse templo católico que hoje é um atrativo da cidade de Leopoldina. Obras que começaram em 1928 e terminaram em um primeiro momento em 1965, perfazendo um total de 37 anos.

Conhecer a história da construção da Catedral de Leopoldina e da Instalação da Diocese, não tem um caráter meramente religioso e artístico, pois foram empreendimentos que demandaram tempo, esforço e dedicação de várias pessoas. Desde o mais simples habitante ao mais ilustre, todos tiveram sua importância, participando ativamente para a realização do projeto: erguer uma nova Igreja no alto de um morro, simbolizando o espírito cristão de seus moradores.

A instalação da Diocese na cidade de Leopoldina demonstra não só a força religiosa, como política e social de seus habitantes.

A história da Catedral de São Sebastião em Leopoldina - MG pode ser resumida em algumas palavras: fé, vontade, esforço, força e coragem.

Catedral de São Sebastião. 2004 | Acervo ALLA

Praça Professor Angelo - antes de 1945 | Acervo Espaço dos Anjos

Grupo Escolar na Praça Professor Ângelo - 1946 | Acervo APM

A VISTA DO ALTO E O BAIRRO DA GRAMA

JOSÉ LUIZ (LUJA) MACHADO RODRIGUES

Foi do Alto da Ventania, no meado dos anos de 1950, que o menino da roça viu pela vez primeira o correr de casas nos dois lados da Rua Benedito Valadares[7]. Suas primeiras imagens da cidade, arquivadas na memória possivelmente desde as primeiras vindas do Bairro da Onça para cursar o primeiro ano primário no Grupo Novo.

É desse tempo, então, a visão que ele tem guardada na retina da Praça da Bandeira, da Catedral ainda com sua torre inacabada, da Fábrica de Tecidos com sua enorme chaminé de tijolos aparentes, o duto de escape do vapor das caldeiras da indústria e o inconfundível apito de mudança de turno dos operários. E a imagem da linha reta indicada pelo irmão, trajeto a seguir nas idas e voltas dali ao Grupo. Percurso que ele mais tarde aprendeu ser o trecho inicial da antiga estrada que "levava para Tebas, Rio Pardo e outras localidades....", citada por Luiz Rousseau Botelho no seu livro Coração de Menino[8].

E muitas foram as suas descidas e subidas, a pé ou a cavalo, pela escorregadia ladeira que se tornou Rua Sebastião Pereira da Bella.

Ao rés do chão ou, "no pé do morro", no encontro dessa ladeira com a Rua das Palmeiras, Vila Gilda e o então caminho para a Mina de Ouro ele viu mais tarde surgir a Praça Feijão Cru. Justa indicação de um vereador do local que, logo foi esquecida pela edilidade posterior que rebatizou o local com o nome de Largo Dr. Sebastião Campos Alvim.

Ali, por uma ponte de madeira, se cruzava o Ribeirão que deu nome à Vila que se tornou cidade.

Logo depois da ponte, à esquerda, na esquina da Rua das Flores ficava a venda de secos e molhados do Joaquim Garcia de Oliveira[9]. E em frente dela, do outro lado da rua, ficava o cavalo amarrado a um mourão de cerca sob o olhar atento do Sr. Badaró aguardando os meninos ao final das aulas para o retorno à casa.

Dessa esquina, pela antiga Rua da Ponte ou Rua Boa Vista, hoje denominada Rua João Neto, com seu calçamento irregular à moda de um doce pé-de-moleque caseiro, chegava-se à Praça Professor Ângelo que, na primeira metade dos anos de 1950, foi tomada pela construção do segundo grupo escolar da cidade, o Grupo Novo. A inesquecível e muito querida "casa de ensino" que alargou horizontes de muitas meninas e meninos que tiveram a felicidade de ultrapassar o seu portão de entrada para encontrar o saber.

Gratidão. Gratidão eterna às professoras e demais servidoras do Grupo Novo, é o sentimento que aflora no ex-aluno ao escrever ou olhar a Escola Municipal Botelho Reis.

Rua João Neto na chegada à Praça Professor Ângelo – 2023 | Acervo ALLA

Ao lado desse Grupo Escolar o menino aprendeu que estava a Rua João Gualberto, que no passado era conhecida como Rua do Sotero[10], em razão de um seu morador com esse nome ter ali um hotel. Antes, era apenas o caminho que, por volta do final dos anos de 1800, ligava a vila nascida nos arredores do Rosário ao distante e ainda pouco acessível Bairro da Grama, que se desenvolveu nas terras da Fazenda da Grama que por ali existiu.

Bairro que era a "nossa Santa Teresa", nas palavras de Barroso Júnior[11], comparando-o ao bairro desse nome na capital do Império.

Rua João Gualberto, uma via que o memorialista Francisco de Paula Ferreira de Rezende[12], ao falar sobre a construção da igreja matriz, a ela se referiu como sendo "...o caminho que não sei se chama rua ou estrada que vai para a Grama..." E Luiz Rousseau Botelho[13], registra como sendo "estrada do antigo Hotel do Sotero, que passava pelo alto do morro e a rua do Buraco ficava lá embaixo...."

Catedral ainda sem a torre. Década de 1950 | Acervo Espaço dos Anjos

Rua do Buraco[14] assim referida por muitos até os dias atuais. Talvez assim conhecida em razão do despenhadeiro ainda possível de ser observado no encontro do Caminho da Grama (Rua João Gualberto) com a atual Rua das Flores.

No alto do morro fica a majestosa Catedral de São Sebastião, à qual se pode chegar passando pelos fundos do Grupo Novo e subindo a rua que homenageia o ilustre médico e professor, Dr. Oswaldo Christovam Vieira. A rua da Capela de São Pedro, que antigamente era conhecida como Capela de Nossa Senhora da Piedade.

Do portão do Grupo Novo, seguindo a reta indicada pelo mano, descortina-se uma das ruas mais bonitas da cidade, por suas duas linhas de oitis ainda preservados e cuidadosamente podados. É Rua Manoel Lobato[15], carinhosamente chamada Rua da Grama.

Por ela, vista de quem está na Praça Professor Ângelo alcança até um pouco além da Praça Félix Martins e Rua José Peres. Avista um bonito conjunto de vias públicas calçadas com paralelepípedos e bem arborizadas.

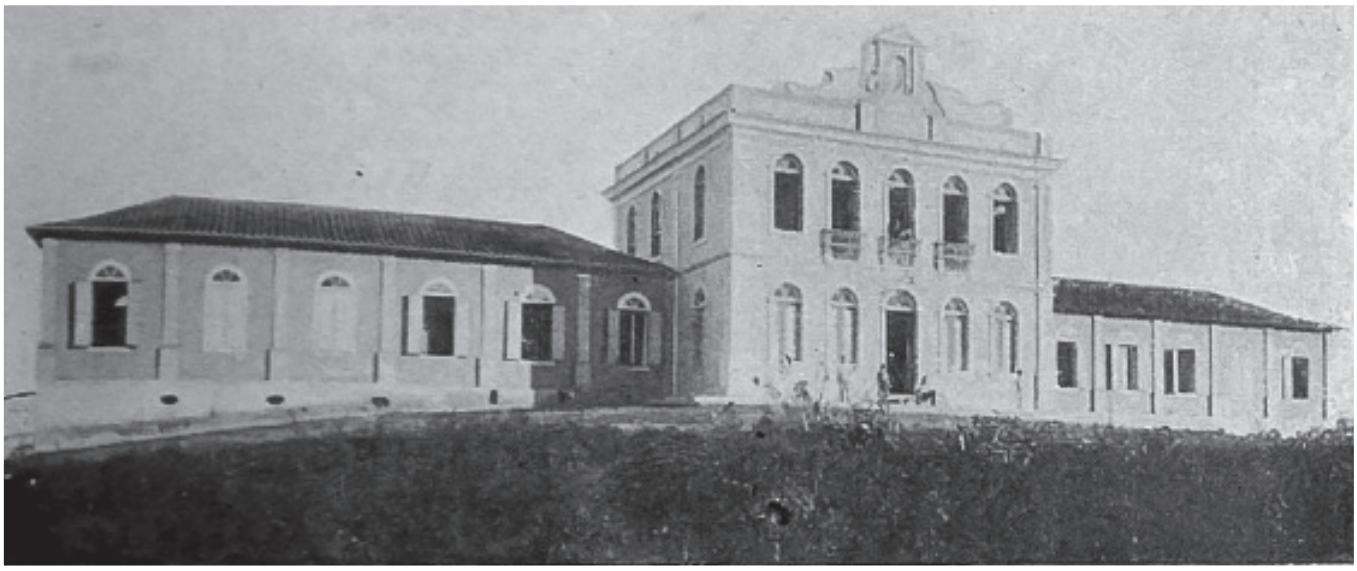
Para quem não se lembra, a Rua da Grama é a da Padaria Lamarca que nos anos 1950 fabricava a melhor bolacha produzida na cidade. É a que, por volta de 1922, contava com um comércio semelhante, pertencente ao imigrante italiano Luciano Borella[16], que abriu uma padaria no nº 11 da Rua Manoel Lobato. É a rua do Centro Espírita Amor ao Próximo e da Igreja Metodista, duas instituições importantes para a cidade.

É a rua que, mais adiante, na calçada oposta, tinha o prédio da primeira Casa de Caridade Leopoldinense. É a rua do "Foto Jarbas", do Sr. Jarbas Pereira da Silva que por muitos anos manteve ali o seu estúdio fotográfico que guardou em papel fotográfico, boa parte da vida e da história dos cidadãos e da cidade de Leopoldina. E, para finalizar, a Manoel Lobato é a rua da Fábrica de Colchões de Capim da senhora Serafina[17]. Sim, antes das molas e das espumas sintéticas atuais, os colchões eram cheios com alguma gramínea seca ou palha de milho desfiada e, os travesseiros, com a paina vegetal. Mas isto já é uma outra história.

Rua das Flores - (19??) | Acervo Espaço dos Anjos

Rua das Flores - (197?) | Acervo Foto Jarbas

Rua Manoel Lobato - 2023 | Acervo ALLA



Casa de Caridade - 1914 | Acervo ALLA.

Casa de Caridade Leopoldinense- 2003 | Acervo ALLA

---

[7] A Rua Benedito Valadares começa na Avenida Getúlio Vargas, ao lado da antiga sede do DNER (DNIT) e termina na Praça Zequinha Reis, antiga Praça da Bandeira.

[8] BOTELHO, Luiz Rousseau. Coração de Menino. Belo Horizonte: Veja/Novo Espaço, 1984. p.102.

[9] Joaquim Garcia de Oliveira empresta seu nome à via que liga a rua João Neto à ponte na entrada para o Bairro Mina de Ouro, conforme a lei nº 1.307, de 06.10.78.

[10] Sotero Francisco Caldas manteve um hotel nessa rua. Em 1893, assinou contrato para fornecimento de alimentação para os presos e iluminação para a Cadeia Pública de Leopoldina, conforme o jornal Minas Geraes. Belo Horizonte: 21 jun 1893 ed 166 p. 1 col. 3.

[11]BARROSO Júnior. História de Leopoldina. In: Revista Acaiaca: Primeiro Centenário de Leopoldina. Belo Horizonte: s.n., 1954. p.15.

12REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. Minhas Recordações. Belo Horizonte, Itatiaia, 1988. p.372.

[13]Botelho, Luiz Rousseau. Coração de Menino, Belo Horizonte, Veja/Novo Espaço, 1984, p.101.

[14]Denominação que aparece no livro nº 6 de Atas da Câmara, fls.64 verso, em 28.04.1879, conforme registramos no livro "Nossas Ruas, Nossa Gente", 1ª edição, Rio de Janeiro, 2004, p. 199.

[15]Manoel Lobato Monteiro Galvão de São Martinho foi presidente da Câmara Municipal no final do Império, provedor da Casa de Caridade Leopoldinense, vereador e vice-chefe do executivo municipal. Faleceu em 1901.

[16] Processo nº38402986, Extrato do Inventário de Luciano Borella, img 12, descrição dos bens: prédio da rua Manoel Lobato nº 11 com moradia e armação de padaria e seus utensílios; confina à frente com a rua Manoel Lobado, pela direita com herdeiros de José Alves da Silva Porto, pela esquerda com terrenos de Sabino Soares da Silva Campos e pelos fundos com o caminho que vai do Largo da Grama ao Largo da Estação.

[17] A imigrante espanhola Dona Serafina Sobrino Rodrigues era mãe de Maria da Conceição popularmente conhecida por Conchita, cujo marido Betinho, foi proprietário de uma farmácia muito procurada, que funcionou no prédio da antiga fábrica de colchões. O segundo filho de D. Serafina era o saudoso José Alonso Sobrino.

Praça Félix Martins: um Jardim para viver!

CLÁUDIO VERNEQUE GUERSON

Melifluamente o dia à noite se entrega, uma tarde sem luta, ou, de silenciosa luta entre a noite e o dia. A lua, quando em seu esplendor de "cheia", lança sua luz sobre a terra, assim ilumina o lugar que hoje está a Praça. Sempre foi assim, desde que "o mundo é mundo".

Como é de se saber nem sempre a Praça esteve lá, antes era terra nativa. Esta veio sendo ocupada, dando lugar as habitações e comércios, veio constituindo-se no "coração" da cidade. Casario e comércios brotaram, onde antes brotava a natureza nativa. O lugar começou a ganhar formas construídas pelas mãos daqueles novos condôminos. São muitos tempos passados, desde os idos do final dos anos 1800.

Foram muitos os acontecimentos em torno do nascimento, crescimento e amadurecimento da Praça, que coleciona cerca de 130 anos. Os portugueses que vieram para o Brasil, também chegaram aqui, antes da Praça. Em um processo de ocupação e transformação da paisagem, desenvolveram a cidade para atender suas necessidades urbanas. Assim, ao pé da serra, em terreno doado, por aquele descendente português que dá nome a Praça, nasceu a Félix Martins. Seu aparecimento é contemporâneo ao fim oficial da escravidão e a chegada dos imigrantes italianos na cidade. Por aqui já estava consolidada a cidade, antes São Sebastião do Feijão Cru, e, já a época Leopoldina. O nome da cidade, Leopoldina, veio como homenagem da Câmara Municipal, prestada a filha do Imperador Pedro II. Em seu desenvolvimento a Praça ganhou "canteiros", bancos e Coreto, depois uma Concha Acústica e um Mural de azulejos contando a história da cidade. Em seu entorno estavam as construções que representavam uma arquitetura afeita aquele tempo, constituída de casarões, também, apareceu a corte judicial, com a construção do Fórum. Houve o pátio de manobras da Ferrovia, o Cinema Brasil, a Cooperativa de leite e mais ainda, a rodoviária.

Curiosamente, não houve nessa Praça uma edificação religiosa. No entanto, era o local de culto a vida e suas experiências mais diversas. Local de passeio e paquera, de ir ao cinema e comer pipoca, de embarque e desembarque, vivendo a experiência de transformação do próprio Brasil, que desde a gênese da Praça Félix Martins, foi da Monarquia a República.

A centenária Praça Félix Martins, também chamada de Parque Félix Martins, e carinhosamente nos anos 70 e 80 do Sec. XX chamada simplesmente de Jardim, continua sua existência. É possível que seja exatamente a "alcunha" de Jardim, a denominação que melhor definiria o propósito e destinação do espaço urbano assim designado para Praça Félix Martins. Uma belíssima área cultivada para proporcionar espaço de lazer e passeio aos leopoldinenses e visitantes.

Hoje em seu curso existencial, ainda aspira a alcunha de "jardim". Ainda está lá a Concha Acústica, o Mural de azulejos de autoria de Funchal Garcia. Não há mais o Cinema Brasil, o Fórum de Justiça, deu lugar ao Centro de Cultura. A estrada de ferro e a rodoviária também não estão lá. Novidades surgiram, a Feira de Gastronomia e Artesanato, espaço de manifestações artísticas e convivência social. Continua sendo um lugar público de experiências e vivências para população. As pessoas que são seu sentido de existir continuam lá, passeiam, dão um "rolê" na Praça, ficam e experimentam a vida na sua extensão pública, um lugar de viver e gozar a vida. Viva o Jardim!

Palmeiras Imperiais do Parque Félix Martins – (19??) | Acervo Espaço dos Anjos

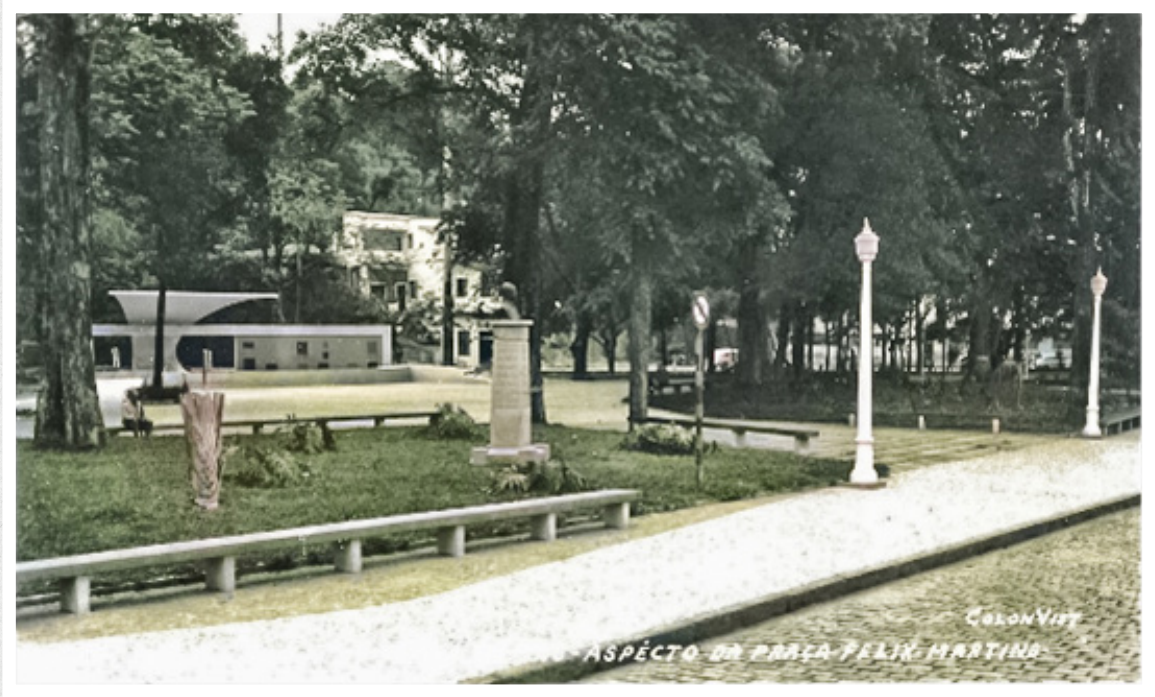
Parque Félix Martins – (19??) | Acervo Espaço dos Anjos

Referência bibliográfica:
CANTONI, Nilza. RODRIGUES, José Luiz Machado. Nossas Ruas, Nossa Gente: ruas, praças e logradouros de Leopoldina. Rio de Janeiro: o autor, 2004

Coreto do Parque Félix Martins em 1914 | Acervo ALLA

Cadeia e Fórum - 1914 | Acervo Arquivo Público Mineiro

Um dos Coretos da Praça Félix Martins - Década de 1950 | Acervo Foto Jarbas



Concha Acústica e o Mural, ainda sem os azulejos de Funchal Garcia - Década 1960 | Acervo ALLA

Lateral da Praça Félix Martins - Década 1960 | Acervo Espaço dos Anjos

Praça Felix Martins - 2023 | Acervo Alla

Concha Acústica e Centro Cultural Mauro de Almeida Pereira - 2023
| Foto Inesinha Xavier

Biblioteca Municipal

LUIZ DE MELO SOBRINHO

Endereço atual da Biblioteca Municipal de Leopoldina - 2023 | Acervo ALLA

O vocábulo resulta da justaposição de dois termos gregos: biblion (livro) e thekê (armário, prateleira). Concebe-se, assim, biblioteca como um espaço com prateleiras onde se acomodam ordenadamente livros, revistas, jornais e outros documentos, com mesas e cadeiras para leitura, pesquisa ou consulta.

Não existem normas determinando as dimensões de uma biblioteca. Isto depende, em se tratando de estabelecimento público, de disponibilidade de espaço, de recursos e de motivação cultural dos governantes.

Nas capitais europeias, há diversas bibliotecas de dimensões colossais. A de Madri, por exemplo, em dados não atualizados, possui perto de 2.000.000 de volumes, 25.000 manuscritos, 40.000 volumes circulantes 2.600 incunáveis e recebe 200.000 visitantes por ano. Parafraseando Fernando Pessoa sobre Rio Tejo e Rio da Aldeia, diríamos que a biblioteca de Leopoldina é mais importante que a de Madri. A de Madri fica a 9.000 km de Leopoldina. E a de Leopoldina é nossa e fica aqui onde estamos nós.

O impulso original da Biblioteca de Leopoldina aconteceu com a lei complementar nº 2746 de 18 de dezembro de1880. Em 1905, foi criada a Biblioteca Leopoldinense, pelo Dr. Custódio Lustosa, conforme anúncio publicado em jornais. Com a Lei de 12 de agosto de 1959, a Prefeitura Municipal criou o quadro de funcionários, em decorrência da verba aprovada pelo então Ministro Clóvis Salgado para o desenvolvimento e manutenção da Biblioteca Municipal.

A primeira coordenadora, ao longo de dez anos e meio, foi Ana Eugênia Filha, auxiliada pela dinâmica e eficiente colaboração de Antônio Sérgio Lima Freire (o saudoso, talentoso, alegre e otimista Serginho do Rock, patrono da cadeira nº 9 da ALLA), Welser Machado e Dona Petrina Gomes Machado. Ao sair Ana Eugênia, Eugênia Maria de Azevedo Antunes assumiu a função até 8 de fevereiro de 1983. A partir deste momento, a Professora Maria Helena Vieira Campos teve oportunidade de mostrar de quanto era capaz. Com alto poder de criatividade e determinação, coordenou as atividades do dia a dia da Biblioteca, concebeu e concretizou a iniciativa de criar o “Jornal a Voz do Leitor” e de lançar o Concurso de Poesia “Augusto dos Anjos”,

Biblioteca Municipal Luiz Eugênio Botelho - 2023 | Acervo ALLA

hoje com participantes de quase todos os estados da Federação. Após o período de coordenação de Maria Helena, Neuza Domiciano, com notável senso de responsabilidade, dedicação e carinho, deu continuidade à vida do Concurso.

A Biblioteca Pública Luiz Eugênio Botelho, com cerca de 25.000 itens, em 2015, instalou-se, com mais espaço e conforto, em salas do Centro Cultural Mauro de Almeida Pereira, na Praça Félix Martins, recentemente remodelada. Quanto ao Concurso de Poesia, pouco antes, saiu da tutela da Biblioteca e foi para as atribuições da Secretaria de Educação e, em seguida, para a Secretaria Municipal de Cultura. A ALLA, em momento algum, foi responsável por sua organização e divulgação. Apenas aceitou o papel de colaboradora na seleção e classificação dos trabalhos concorrentes.

Hoje, Ângela Aparecida Ribeiro, bibliotecária formada pela UFJF, coordena as atividades da Biblioteca. E o faz a pleno contento de quem a ela recorre. Para tal função, Ângela tem o Diploma. E deve honrá-lo. Foi conquistado com muito esforço. É uma exigência institucional para exercício do cargo. Mas, a habilidade e destreza com que atua demonstra um grau de saber muito acima do que possa significar um Diploma. E a Biblioteca, com Ângela, oferece a todo cidadão que - segundo este lampejo cintilado em plenas trevas medievais: *Timeo hominem unius libri* - não se contentando com uma fonte única, busca consolidações em mais informações, saindo desta parada em "um passeio por Leopoldina", com a certeza gratificante de ver, bem atendidos, seus anseios de conhecimento.

Biblioteca Municipal Luiz Eugênio Botelho - 2023 | Acervo ALLA

Da Rua Custódio Junqueira à Travessa Pedro II: o centro comercial antigo

NILZA CANTONI

Rua Custódio Junqueira – 19?? | Acervo Espaço dos Anjos

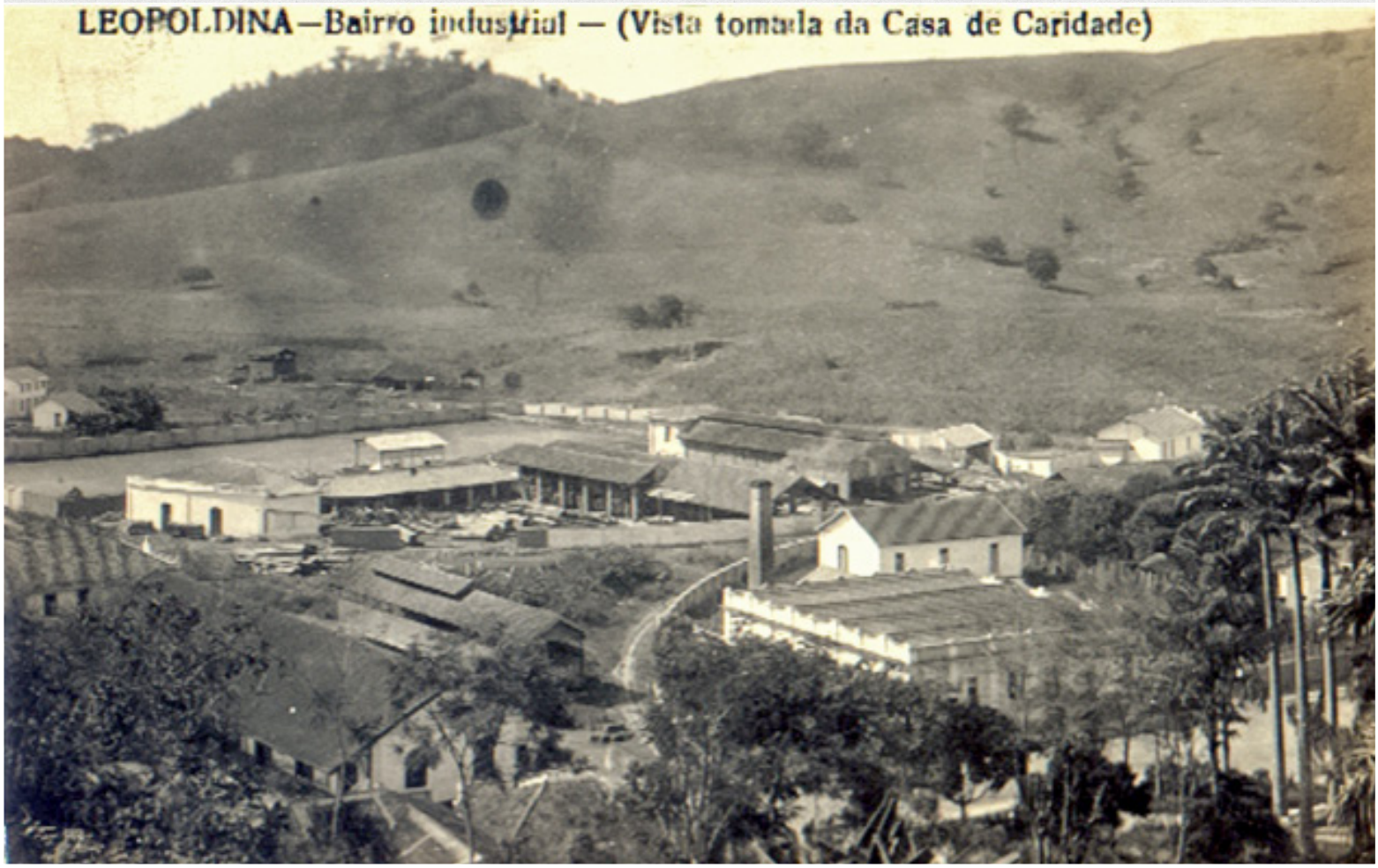
Fotografada da esquina onde mais tarde seria construído o Cine Brasil, em direção à Estação Ferroviária. Ao fundo se vê o início da rua Cotegipe. Mais próximo, o prédio original da Leiteria Leopoldinense.

Rua Custódio Junqueira (19??) | Acervo Espaço dos Anjos

Fotografia do início da Custódio Junqueira em direção ao Morro do Desengano, mostra dois prédios que ainda podem ser reconhecidos na rua pelas partes superiores de suas fachadas e seus telhados.

Antigo Cine Brasil (década de 1960) | Acervo ALLA

À direita, calçada da Rua João Lamarca (Praça Félix Martins). Nas duas últimas portas à direita, no final do prédio do cinema, junto ao prédio do atual Centro Cultural Mauro de Almeida Pereira, funcionava a Estação Rodoviária da cidade. À esquerda, início da rua Custódio Junqueira que no passado se chamou Desengano e era a saída para o distrito de Santa Izabel, hoje Abaíba.



Vista da atual Praça João XXIII, a partir da Casa de Caridade Leopoldinense – 19?? | Acervo Espaço dos Anjos

Nesta foto ainda se vê o prédio original da Leiteria Leopoldinense, tendo à esquerda, após os trilhos, o prédio da Estação. A chaminé atrás do prédio da leiteria é deduzida na foto do Hotel Gomes apresentada mais adiante.

Leiteria Leopoldinense, atual Shopping Lac - 19?? | Acervo ALLA

Estação da Estrada de Ferro – 1950 | Acervo do IBGE

A locomotiva acaba de chegar de Vista Alegre, está parada no encontro das três atuais praças: Félix Martins à direita, General Osório à esquerda, e João XXIII que surgiu exatamente no local onde até a década de 1960 estavam os trilhos e o pátio de manobra.

A locomotiva já teria feito a manobra para retornar a Vista Alegre e estaria se posicionando para embarque de passageiros. O funcionário de pé, na ponta da plataforma, seria o encarregado de dar as últimas instruções para o maquinista dar a partida no trem. Acima do telhado da Estação se vê o prédio da Casa de Caridade Leopoldinense.

Antiga Estação da Estrada de Ferro. Década de 1940 | Acervo Espaço dos Anjos

Entorno da antiga Estação da Estrada de Ferro – 1958-1962 | Acervo Sebastião Heitor

Praça General Osório (193?) | Acervo ALLA

À direita, parte do telhado da Estação da Estrada de Ferro. Em frente, prédio de Antiga Agência Bancária e, ao lado dele, a Incorporadora e Agência Zona da Mata onde atualmente é o Edifício Renê.

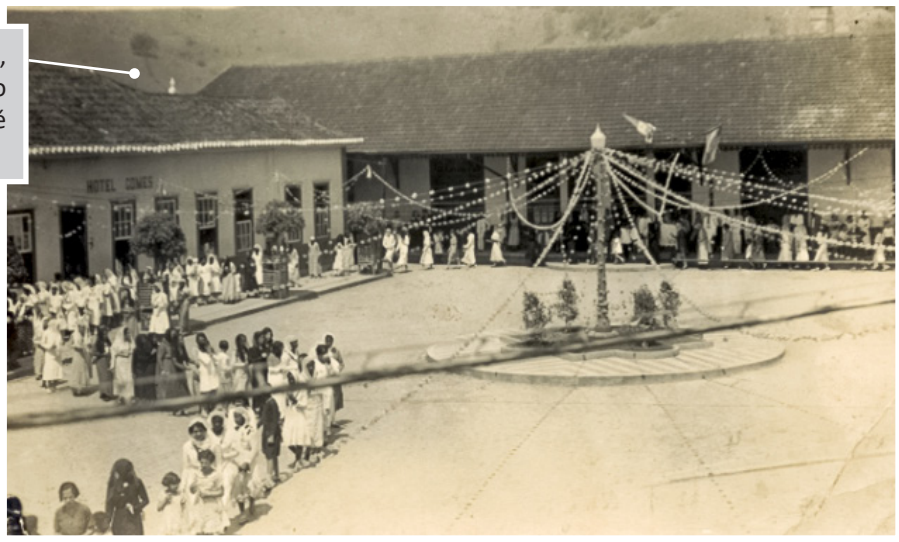
Ao fundo, as sete famosas palmeiras do Parque Félix Martins. À direita, na esquina, o prédio onde funcionou o Bar e, depois, Hotel Lamarca e, ao lado, o prédio que cedeu lugar ao edifício do Palace Hotel.

Atual Praça General Osório (19??) | Acervo da ALLA

A mais antiga fotografia do Hotel da Estação, no local onde hoje está o Banco do Brasil. O prédio da Caixa Econômica Federal foi construído no espaço de parte da Estação Ferroviária e provável terreno que pertencera a Raphael Domingues.

Hotel da Estação (189?) | Acervo ALLA

Sobre o telhado do Hotel, do lado esquerdo, um ponto branco parece ser a chaminé da Leiteria.



À esquerda, o mesmo hotel, já com o nome de Hotel Gomes (19??) | Acervo ALLA

Em frente à estação, no lugar do prédio mais claro funcionava o Bar e Hotel Lamarca na década de 1960.

Praça General Osório com as sete palmeiras do Parque Félix Martins ao fundo (19??) | Acervo ALLA

À esquerda, o prédio onde funcionou o Salão Bijou, de Oldemar Montenári, que além de corte de cabelo também comercializava presentes e perfumaria, segundo Mário de Freitas em Leopoldina do Meu Tempo.

Casa Raphael Domingues, canto da Praça General Osório, esquina com a rua Plóbio Cortes. (1914) | Acervo ALLA

Início da Rua Barão de Cotegipe, altura do número 22 - (192?) | Acervo ALLA

Início da Rua Barão de Cotegipe - 2023 | Acervo ALLA

Zona da Matta: incorporadora e Agência Bancária. Rua Barão de Cotegipe nº 22. (1914) | Acervo ALLA

Rua Barão de Cotegipe. Próximo ao nº 55 – 2015 | Acervo ALLA

Rua Barão de Cotegipe, nº 101 – 2023 | Acervo ALLA

Rua Barão de Cotegipe Acima, defronte ao nº 114 – 2015 |Acervo ALLA

Outras imagens antigas da Rua Barão de Cotegipe

Casa E. Codo & Irmão. Rua Barão de Cotegipe, após o número 114. (1914) |Acervo ALLA

O imigrante italiano Eugenio Codo chegou a Leopoldina no final do século XIX e mais tarde se estabeleceu com uma casa comercial na rua Cotegipe. Há alguns anos funcionava, neste local, uma loja de cosméticos e perfumaria. Recentemente o prédio foi demolido.

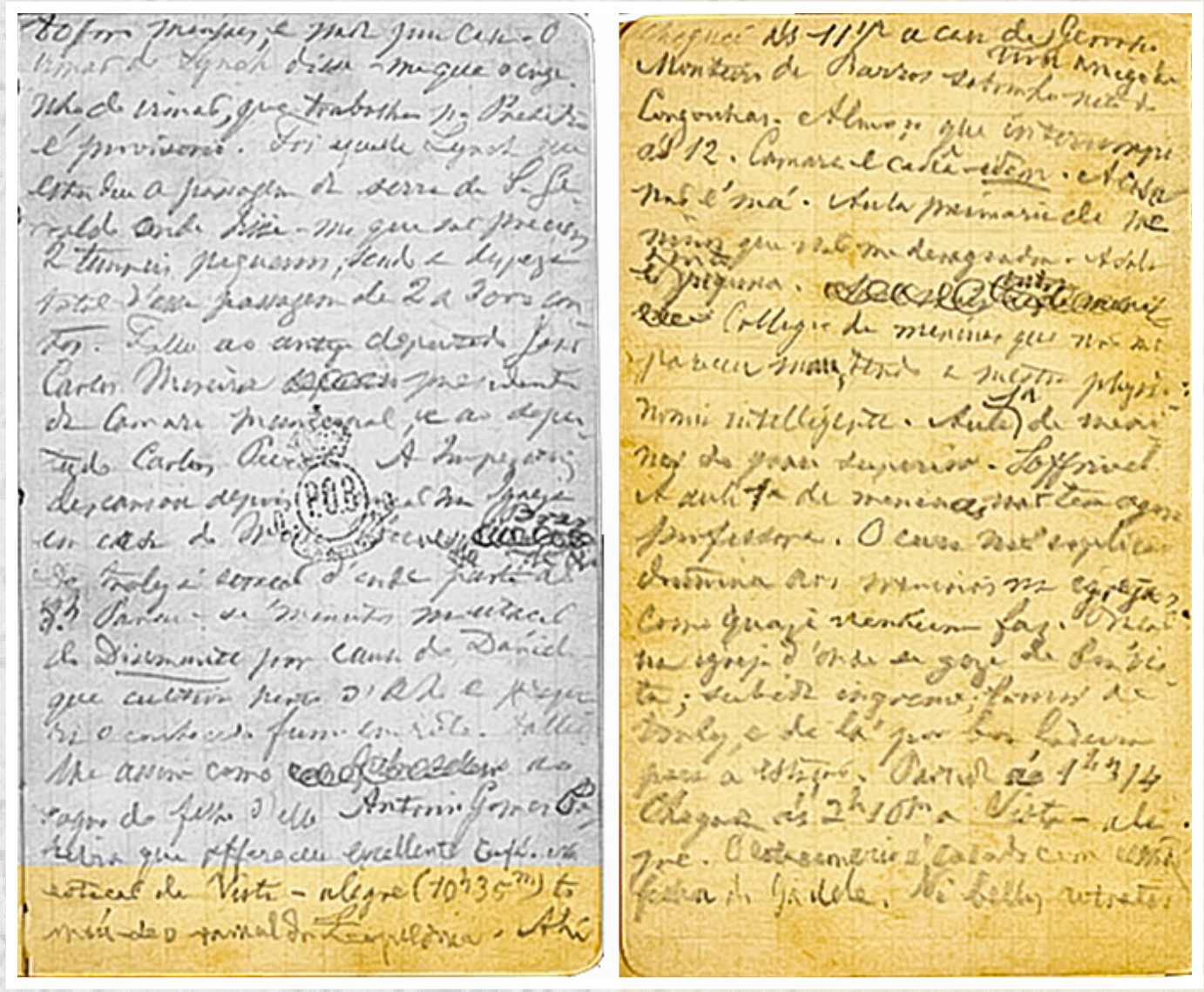
A primeira casa à esquerda foi do fotógrafo Cesar Roli, depois ocupada por uma pensão. Atualmente é o Magazine Luiza.

Rua Barão de Cotegipe - Década de 1920 - Imagem doada por Hélio Domingues para o Memória Leopoldinense, do jornal Leopoldinense

Rua Barão de Cotegipe, quase esquina da Travessa Pedro II, com o trânsito em mão dupla. (década de 1950) | Acervo ALLA

Casa onde o Imperador Pedro II almoçou em 1881. (1940-1950) | Acervo ALLA

Atualmente muito modificada, nela funciona o Armarinho Brasília.



Página do Diário do Imperador Pedro II em que ele cita a passagem por Leopoldina. Volume 25 | Acervo Museu Imperial

Transcrição do que o Imperador anotou sobre a passagem por Leopoldina:

Na estação de Vista Alegre (10h 35') tomou-se o ramal da Leopoldina. Aí cheguei às 11 1/2 à casa de um amigo de Gervásio Monteiro de Barros sobrinho neto do Congonhas. Almoço que interrompi às 12. Câmara e cadeia — idem. A casa não é má. Aula primária de meninos que não me desagradou. A sala é muito pequena. Colégio de meninas que não me pareceu mau, tendo a mestra fisionomia inteligente. Aula 1ª de meninos do grau superior. Sofrível. A aula 1ª de meninas não tem agora professora. O cura não explica doutrina aos meninos na igreja como quase nenhum faz. Oração na igreja de onde se goza de boa vista; subida íngreme; fomos de trole e de lá por boa ladeira para a estação. Partida à 1h ¾. Chegada às 2h 10' a Vista Alegre. O estacionário [sic] é casado com uma filha do Gadele. Vi belos retratos [...]

Cine Theatro Alencar – 1943 | Acervo Clair Rodrigues

O fado implacável de um eterno esquecimento

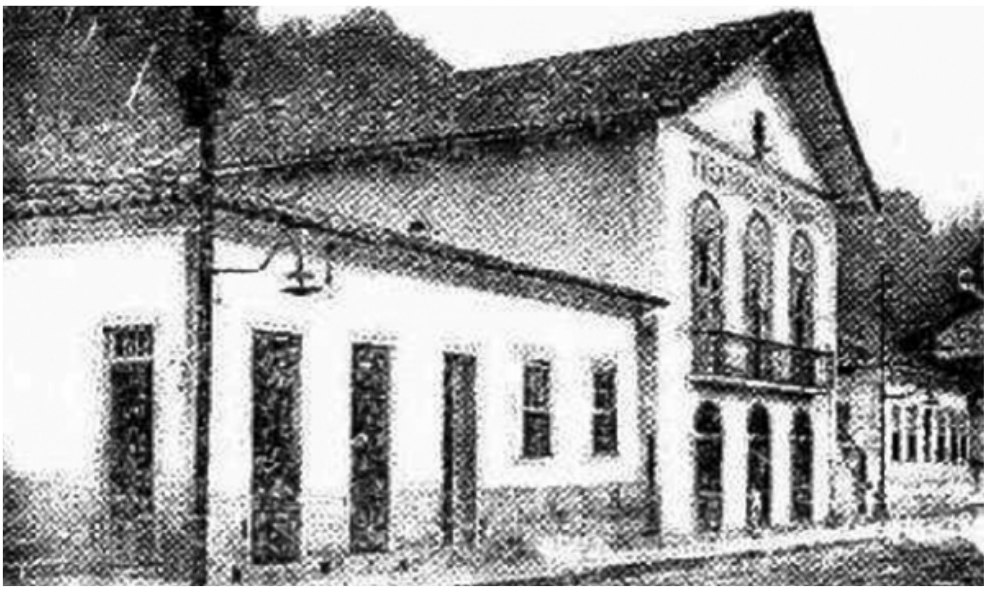
ALAN VILLELA BARROSO

As ruas descrevem histórias verídicas. Para ler, enquanto ainda há tempo, basta um exercício simples de contemplação e fruição – sensibilização do olhar -, como caminhar observando atentamente as fachadas das casas mais antigas, no viés de uma pilastra, desejando encontrar pelos vestígios nos detalhes dos entalhes: um ano, brasão, pássaro ou flor de lis, quem sabe? Quase sempre escondidas por detrás de uma folhagem, faixas e propagandas, lá estão; memórias seculares, com anseio de serem encontradas por olhares atenciosos; supostamente distraídos. Instigados pela curiosidade, alguns recorrem às análises de fotografias, na leitura de cartas, documentos e jornais outrora publicados; valiosas fontes de pesquisa sobre a memória coletiva das cidades, especialmente as localizadas no interior brasileiro.

Uma das histórias contadas pelas ruas de Leopoldina - município da Zona da Mata mineira -, descrita em pormenores pela imprensa periódica, foi a efervescência das Artes Cênicas, de maneira especial o Teatro Musicado e de Variedades, no final do século XIX, período em que o município vivenciou um momento de expansão urbana e ampliação de seu raio de influência, inaugurando em 1883 uma casa de espetáculos de caráter público: o Theatro Alencar, suprindo, conforme ressaltou o principal órgão de propaganda da época, *"a mais vital aspiração do público leopoldinense [...], fazendo inaugurar o teatro satisfez uma exigência pública"* (O LEOPOLDINENSE, 1883, p. 2)[18], fato que distinguia Leopoldina não apenas do ponto de vista cultural, ao tornar-se parada quase obrigatória das principais companhias dramáticas, nacionais e estrangeiras em circulação pelo interior do país; mas, sobretudo, pelo aspecto social, político e intelectual, alcançando a reputação consensual de cidade "civilizada".

Edificado na antiga Rua Municipal, na divisa "das três grandes propriedades agrícolas: a Fazenda do Feijão Cru, da Cachoeira e do Desengano" **(PEREIRA, 2015, p. 102)**[19], a construção do teatro em Leopoldina atendeu aos desejos de fazendeiros em assentar residência no perímetro urbano, a fim de participarem dos principais eventos e acontecimentos religiosos, políticos, culturais de destaque (Ibid.), muitos dos quais, levados à cena no Alencar. Sendo casa de espetáculos, desempenhou duas funções diferentes e indissociáveis naquele final de século: a de entreter, servindo de palco para convenções sociais, intercâmbio cultural e fruição artística; e a de instruir, institucionalizando e promovendo costumes considerados adequados aos padrões de comportamento da elite intelectual e oligárquica; um objeto, por si só, amplo e digno de reflexão, a fim de compreendermos a formação do pensamento, das culturas e as contradições latentes na sociedade mineira oitocentista, especialmente em Leopoldina, sem nos esquecermos da relação intensa do Município com o processo de escravidão em Minas Gerais no século XIX, como apontado pela historiografia.

As casas de espetáculos, para além de espaços físicos, intermediaram e espelharam os conflitos da época, colocados em pauta em noites de atos e espetáculos, discutidos nos palcos e camarotes dos teatros. Por ventura, couberam aos redatores dos jornais registrarem a dinâmica social e coletiva da vida mundana, mesmo que descritos pelo seu ponto de vista. A nós, cabe a responsabilidade consciente de preservar, refletir e promover a história. Portanto, quando andares pelas ruas de Leopoldina e, de repente olhares para cima, com sorte enxergará uma arquitetura centenária, inscrito em sua fachada CINE-THEATRO ALENCAR. Então, saberás, finalmente, que ali jaz um importante pedaço de nossa memória e, quiçá, você também se perguntará: até quando José, convertida ao fado implacável de um eterno esquecimento?



Prédio original do Theatro Alencar | Acervo Gazeta de Leopoldina

Cine Theatro Alencar. Década de 1950 | Acervo da ALLA

[18] O LEOPOLDINENSE, a. IV, n° 4, 1883, p. 2

[19] PEREIRA, Maria José Lara de Brêtas (.Org). Mauro de Almeida Pereira – O Escrivão. Belo Horizonte: Editora B, 2015.

Luiz Raphael e o seu Espaço dos Anjos[20]

LEONARDO GONÇALVES FERREIRA

O artista plástico Luiz Raphael Domingues Rosa nasceu em Leopoldina, Minas Gerais, no dia 27 de fevereiro de 1945. O seu primeiro contato com a arte – com a pintura, especificamente – aconteceu quando ele ainda era muito jovem. Luiz Raphael frequentou as aulas de pintura ministradas pela professora de francês, Dona Regina, no Ginásio Leopoldinense aos sábados.

Em 1964, aos vinte anos de idade, aproximadamente, Luiz Raphael mudou-se para o Rio de Janeiro com o objetivo de prestar vestibular e cursar faculdade de Arquitetura. Ele não foi aprovado no processo seletivo, mas optou por continuar residindo na cidade.

Nos dez anos seguintes, Luiz Raphael morou na capital fluminense. Durante este tempo, trabalhou como ilustrador para jornais e revistas. Ao que tudo indica, este foi um momento de vida muito intenso e efervescente para ele.

Em 1974, numa viagem que fazia pelo nordeste brasileiro com alguns amigos, Luiz Raphael sofreu um violento acidente de carro que o deixou tão debilitado a ponto de ter que voltar a residir em Leopoldina. O seu retorno para o interior mineiro, no entanto, não foi fácil. Em primeiro lugar pelo processo de reabilitação que, obviamente, foi longo e penoso. E, em segundo lugar, pelo fato de acreditar que nunca voltaria para Leopoldina, ainda mais depois de sua profunda experiência no Rio de Janeiro.

Apesar de tudo, Luiz Raphael decidiu recomeçar a sua vida em Leopoldina e lembrou-se das aulas de pintura que tinha com a Dona Regina no Ginásio Leopoldinense. Assim, ele comprou algumas telas e tintas, pintou os casarões e as paisagens de Leopoldina e fez uma exposição na Associação Comercial da cidade que foi um enorme sucesso. Luiz Raphael vendeu todos os seus quadros e recebeu inúmeras encomendas de novas pinturas.

Por volta de 1983, Luiz Raphael começou a pensar na possibilidade de alugar um local onde pudesse montar seu ateliê de pintura. Foi assim que ele descobriu que a "Casa do Augusto dos Anjos" estava vazia para alugar. O poeta paraibano Augusto dos Anjos morou em Leopoldina, meses antes de sua morte, em 1914. Caso único da poesia brasileira, escreveu apenas um livro intitulado "Eu" e publicado no Rio de Janeiro em 1912. Augusto dos Anjos só obteve reconhecimento, como um grande poeta, postumamente, apenas em finais da década de 1920. Leopoldina concorre como um dos maiores propulsores deste reconhecimento, mas esta é outra história.

Ao alugar a "Casa do Augusto dos Anjos" para montar seu ateliê, Luiz Raphael decidiu oferecer, nela também, um curso de desenho e pintura de modo que pudesse pagar o aluguel do imóvel com as mensalidades das suas aulas. Mas não parou por aí. Ao entrar na casa, Luiz Raphael teve uma ideia que mudaria para sempre não apenas sua vida, como também a própria trajetória de Leopoldina.

Pelo fato de Luiz Raphael estar na casa em que morou um poeta, portanto, carregada de simbolismo, o artista plástico decidiu montar um pequeno museu sobre a história de Leopoldina o que incluía, obviamente, o legado de Augusto dos Anjos. O centro cultural de Luiz Raphael – ateliê de pintura, escola de arte e museu – foi batizado por ele de "Espaço dos Anjos".

O "Espaço dos Anjos" existiu entre 1983 e 2007, ano em que Luiz Raphael veio a falecer. Durante estes quase 25 anos, Luiz Raphael foi o mais importante guardião da história e da memória de Leopoldina, além de promover recorrentemente no seu espaço diversos eventos artístico-culturais.

Placa do anfiteatro do Museu Espaço dos Anjos | Acervo Alla

Alguns quadros pintados por Luiz Raphael – (197?) | Acervo ALLA

[20] Texto livremente inspirado na pesquisa desenvolvida pelo autor em seu estágio pós-doutoral em Ciência da Informação pela UFMG (2023).

Contudo, Luiz Raphael também passou por dificuldades de toda ordem, em especial, financeiras. Principalmente após a primeira metade da década de 1990, o artista plástico não contava mais com tantos alunos em sua escola de pintura de maneira que pudesse manter a casa e o museu. Foram várias as tentativas de institucionalização do "Espaço dos Anjos" de forma que Luiz Raphael pudesse receber algum tipo de auxílio ou subsídio. Alguns meses antes de sua morte, o artista plástico entrou em contato até mesmo com o Ministério Público de Leopoldina com o intuito de resolver a situação do espaço que estava cada vez mais difícil.

Outro ator importante neste processo foi uma organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) chamada "Felizcidade". A Oscip leopoldinense também recorreu ao Ministério Público para encontrar alguma solução para o "Espaço dos Anjos" que corria até mesmo o risco de deixar de existir. Mas alguns meses depois do início destes trâmites, Luiz Raphael veio a falecer no dia 14 de agosto de 2007.

Inicialmente, a família de Luiz Raphael recolheu todo o acervo do "Espaço dos Anjos" e devolveu a casa aos proprietários. Praticamente de maneira concomitante, o Ministério Público instaurou um Procedimento Administrativo, posteriormente transformado em Inquérito Civil e, juntamente com a Prefeitura Municipal de Leopoldina, deu início ao processo que traria de volta o "Espaço dos Anjos".

As principais ações do Ministério Público foram: a instauração do Inquérito Civil; o recolhimento e a guarda do acervo relacionado à memória do poeta Augusto dos Anjos que estava com a família de Luiz Raphael; e, por fim, a desapropriação e o posterior tombamento da casa que sediou durante anos o "Espaço dos Anjos". A partir de então foi dado início o processo de restauração do imóvel e de reestruturação do agora "Museu Espaço dos Anjos" que reabriu as suas portas em 2012 sob a direção do poder público municipal.

O "Museu Espaço dos Anjos" hoje está inteiramente dedicado à preservação da memória do poeta Augusto dos Anjos. O acervo que Luiz Raphael reuniu e organizou durante anos sobre a história de Leopoldina, após recolhimento, se perdeu.

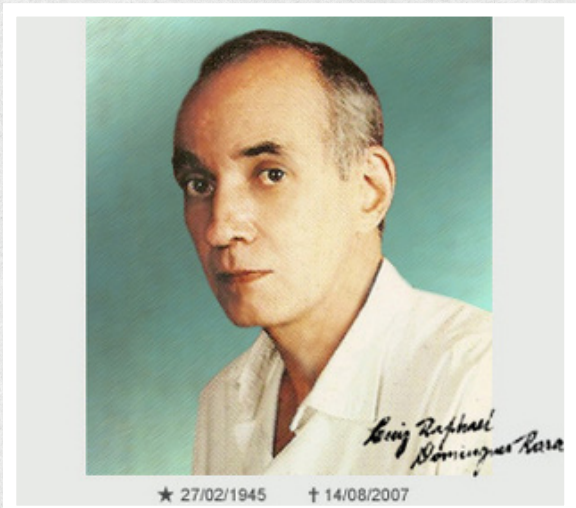
Museu Espaço dos Anjos – 2015 | Acervo ALLA

De maneira que a memória de Luiz Raphael também fosse perpetuada, nomeou-se o anfiteatro do museu de "Anfiteatro Luiz Raphael Domingues Rosa". Homenagem mais do que justa, obviamente. Mas a segmentação do acervo do "Espaço dos Anjos" e posterior perda de parte deste acervo, nomeadamente aquela referente à história de Leopoldina, pode representar, em alguma medida, o apagamento de parcela da memória da cidade e do próprio artista plástico? Esta também é outra história.

Sobre Rafael

por Elias Fajardo da Fonseca

Luiz Raphael Domingues Rosa, também conhecido como Fael ou Iso, foi muito importante na vida cultural de Leopoldina. Depois de viver alguns anos no Rio de Janeiro, voltou para Leopoldina e deu prosseguimento à sua trajetória de pintor, professor e animador cultural. Criou o Espaço dos Anjos, onde teve seu ateliê, e dava aulas de pintura. Nos deixou muito cedo, mas sua contribuição para o universo cultural da nossa cidade é inestimável. Que sua memória continue a ser cultivada por aqueles que se interessam pela arte em nossa região.



Luiz Raphael Domingues Rosa – s.d. | Acervo ALLA

Museu Espaço dos Anjos em 2023

Acervo da ALLA

Maria José Salles Fernandes atualmente é administradora do Museu Espaço dos Anjos. Assumiu suas funções em 14 de abril de 2023 a convite do Secretário Municipal de Cultura, Alexandre Moreira, e integra a equipe da Prefeitura Municipal de Leopoldina, no cargo de Chefe do Departamento de Patrimônio, que tem como atribuição direta zelar pelo Museu Espaço dos Anjos, fundado em 10/10/2012.

Com olhar sensível de proteção ao Patrimônio, iniciou suas tarefas com a reorganização do Espaço Porão, onde podemos apreciar a base da casa construída com madeira e pedras, características da época.

Além disso, providenciou a revitalização do jardim e do anfiteatro Luiz Raphael Domingues Rosa. Em parceria com um amigo artista plástico, providenciou a pintura artística da escada que dá acesso ao anfiteatro. Providenciou, também, o reinício do Sarau literário realizado pela ALLA em parceria com o Museu e a Secretaria de Cultura e que fora interrompido na pandemia. Retomou as visitas escolares e, com uma intensa divulgação, as inscrições para o 32º Concurso Nacional de Poesias Augusto dos Anjos ultrapassaram a casa das 1000 inscrições. O Museu também retomou suas atividades culturais e educacionais na 21ª Semana dos Museus e na 17ª Primavera dos Museus, eventos nacionais importantes para que o Museu exerça a sua função artística, social e de preservação do Patrimônio.

A programação da Semana de Augusto dos Anjos, em novembro de 2023, marcando o 109º aniversário de morte do poeta, e todos os demais eventos realizados no Museu, inclusive o Sarau Literário, são tratados com todo o cuidado possível pela atual direção.

Acervo da ALLA

Acervo da ALLA

Acervo da ALLA

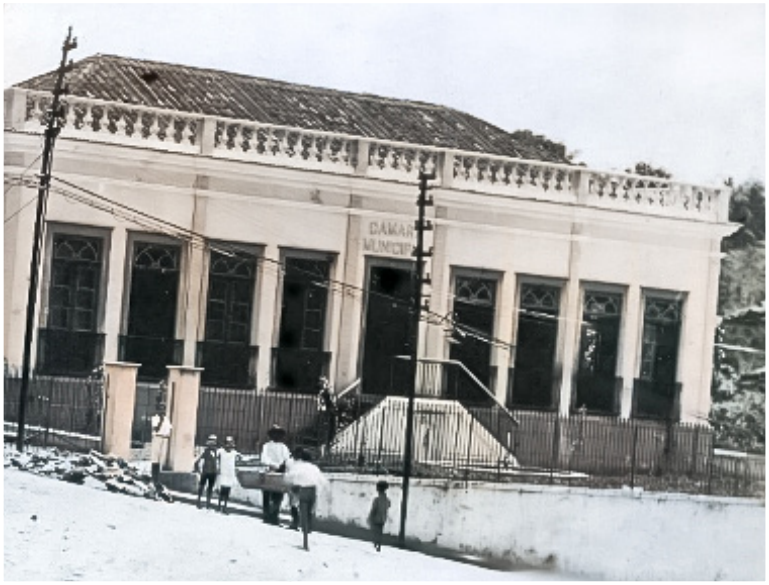
Arte na escada realizada pelo artista plástico Eduardo Kneipp

Vista do Museu Espaço dos Anjos a partir do anfiteatro | Acervo Alla

Parte interna do Museu Espaço dos Anjos | Acervo Alla

Do Paço à Praça: lugar de memórias e manifestações políticas

NILZA CANTONI



Paço Municipal - 19?? | Acervo Foto Jarbas

Paço Municipal - 197? | Acervo Foto Jarbas

Paço Municipal - 2023 | Foto Inesinha

Paço Municipal - 2023 | Acervo ALLA

Rua Lucas Augusto, vendo-se o prédio do Ginásio ainda só com a ala esquerda - 193? | Acervo Espaço dos Anjos

À esquerda, após os jardins da Prefeitura é visto o prédio dos escritórios da antiga Cia Força e Luz Cataguases-Leopoldina.

Rua Lucas Augusto vista da Alameda da Catedral - 2023 | Acervo ALLA

À direita, o primeiro prédio era a Capela do Colégio Imaculada Conceição, que o Luiz Raphael tentou salvar do desmonte, sem sucesso.

Colégio Imaculada Conceição – Década de 1950 | Montagem do Foto Jarbas

Altar da Capela do Colégio Imaculada Conceição – Década de 1950 | Acervo ALLA

Interior da Capela do Colégio Imaculada Conceição – Década de 1950 | Acervo ALLA

Colégio Imaculada Conceição – Década de 1950 | Acervo Espaço dos Anjos

Rua Lucas Augusto - 193? | Acervo Espaço dos Anjos

À esquerda, o **prédio branco ao final da rua**, foi assim referido por Barroso Júnior em Leopoldina – Os seus Primórdios: "Pelo morro acima, quase em socalcos, sobe (subia) o Colégio Imaculada, com sua capela limpinha, a guardar com carinho o altar-mor da antiga matriz, primoroso trabalho de talha de Inácio Buena Flor..."

Encimando a imagem, a igreja matriz que viria a se tornar a Catedral de São Sebastião.

Rua Lucas Augusto, subida para a Catedral, com seus jardins e a icônica escadaria – 2023 | Acervo ALLA

O primeiro prédio à direita corresponde ao térreo do que seria, mais tarde, o Clube Leopoldina e onde se localizava, em meados dos oitocentos, a Câmara e a Cadeia Pública.

Rua Sete de Setembro com a subida para os Pirineus - Foto 19?? | Cesar Roli, restaurada por Luciano Meneghite

Rua Sete de Setembro com a subida para os Pirineus - 2023 | Acervo ALLA

Rua Sete de Setembro - Clube dos Cutubas - 2023 | Acervo ALLA

Importante espaço de sociabilidade para a população menos favorecida, o Clube fundado em 1925 é o mais longevo clube social de Leopoldina. Sua história foi estudada por Margareth Cordeiro Franklin que publicou o livro "Cutubas: clube de negros, território de bambas. Memória e Patrimônio Afrodescendente de Leopoldina, MG".

Praça Gama Cerqueira - 2023 | **Acervo ALLA**

Praça Gama Cerqueira, esquina com Sete de Setembro e Tiradentes parte alta: primeira sede do Grupo Escolar que mais tarde receberia o nome de Ribeiro Junqueira - 1914 | **Acervo ALLA**

Praça Gama Cerqueira: local da primeira sede do Grupo Escolar - 2006 | Foto Luciano Meneghite

Esquina da Praça Gama Cerqueira com Tiradentes parte baixa, local onde existiu o sobrado dos Levasseur - 2004 | Acervo ALLA

Praça Gama Cerqueira com os casarões das esquinas com a parte baixa da Tiradentes - 1947. À direita, antigo sobrado dos Levasseur | Acervo Luciano Meneghite

ACERVO DE IMAGENS DA ALLA:

• fotografias atuais feitas por Ana Cristina Miranda Fajardo;

• fotografias atuais feitas por Inesinha Xavier;

• fotografias feitas por Nilza Cantoni entre 1970 e 2018;

• coleção de imagens antigas de Nilza Cantoni, constituída de fotografias obtidas no banco de imagens do Arquivo Público Mineiro, na seção de imagens do IBGE, digitalizadas da imprensa periódica, postais vendidos em banca em 1960-1970 e imagens publicadas em CAPRI, Roberto. Minas Gerais e seus Municípios. São Paulo: Pocai Weiss & Cia, 1916.

AUTORES:
JOSÉ GABRIEL COUTO DE VIVEIROS BARBOSA
Membro fundador da ALLA e da OSCIP FelizCidade, maestro.

CLÁUDIO RÉCHE IENNACO
Membro da ALLA, professor.

JUSSARA FERNANDES REIS FILGUEIRA
Professora, pesquisadora em história.

JOSÉ LUIZ (LUJA) MACHADO RODRIGUES
Membro da ALLA, pesquisador da história de Leopoldina.

CLÁUDIO VERNEQUE GUERSON
Membro da ALLA, professor.

LUIZ DE MELO SOBRINHO
Membro fundador e atual Presidente da ALLA, professor.

NILZA CANTONI
Membro da ALLA, pesquisadora da história de Leopoldina.

ALAN VILLELA BARROSO
Professor, escritor.

LEONARDO GONÇALVES FERREIRA
Doutor em Ciências Sociais, professor.

ELIAS FAJARDO DA FONSECA
Membro da ALLA, jornalista.

MARIA JOSÉ SALLES FERNANDES
Membro da ALLA, pedagoga.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA DA ALLA

LINHA EDITORIAL E DIRETRIZES

A finalidade da Revista da ALLA é divulgar trabalhos que se enquadrem em um ou mais dos seguintes indicadores:

- abordem as atividades, conquistas e contribuições da Academia Leopoldinense de Letras e Artes ao longo do tempo;
- tenham vínculo com Leopoldina e versem sobre aspectos culturais, sociais e históricos relevantes para o município;
- valorizem e promovam escritores e artistas locais, exaltando suas obras e trajetórias;
- contribuam para a defesa e preservação dos valores que fundamentam a cultura local;
- incentivem a produção literária e artística que dialogue com as raízes culturais e a identidade de Leopoldina.

Os autores são responsáveis pelos conceitos emitidos em seu trabalho, sua correção e exatidão, bem como da revisão do texto. Para que uma obra seja publicada na Revista da ALLA, o autor renunciará à percepção de direitos autorais.

Os trabalhos serão encaminhados ao Conselho Editorial dentro do prazo previsto no Edital de chamada para cada número da Revista. Serão designados três membros para avaliar e apresentar parecer. Para ser incluído na Revista, o trabalho precisará de aprovação por maioria simples dos membros do Conselho.

REGRAS PARA APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

A ALLA segue as normas expressas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009.
O nome do autor deverá vir em formato direto [nome seguido de sobrenome], logo abaixo do título.
Na última página do artigo, é facultativo colocar nota de até três linhas sobre a qualificação do autor.
Os artigos deverão ser devidamente formatados e enviados em arquivo pdf e doc, de acordo com os parâmetros abaixo:

- Tamanho do artigo: até 5 laudas;
- Papel tamanho: A4;
- Orientação: retrato;
- Margens superior e direta: 3 cm;
- Margens esquerda e inferior: 2 cm;
- Cabeçalho e Rodapé: 1,27 cm;
- Tabulação: 1,25 cm;
- Fonte Arial tamanho 12;
- Espaçamento/Entrelinhamento: 1,5 linhas;
- Notas de rodapé das páginas, em algarismo arábico, em 3 linhas no máximo;
- Referências Bibliográficas em lista única ao final do texto, em ordem alfabética, de acordo com as nomas da Associação Brasileira de Normas Técnicas;
- Imagens: além de serem inseridas no texto, devem ser encaminhadas em arquivo separado, com as respectivas legendas e referências, salvas com o nome do arquivo principal e numeração na ordem em que aparecem no texto. Devem ter a resolução mínima de 300 dpi no formato TIFF;
- Tabelas e quadros podem ser compostos em Word e inseridos no próprio texto;
- Gráficos devem ser inseridos no texto e encaminhados em arquivo separado, em formato Excel.

Esta revista foi publicada em parceria com a
Prefeitura de Leopoldina
e apoio da
Câmara Municipal de Leopoldina